

HISTÓRIA IMAGINADA, LEMBRANÇA REAL¹

IMAGINARY STORY, REAL MEMORY

HISTORIA IMAGINARIA, MEMORIA REAL

*Flávia Cristina Bandeca BIAZETTO**

Resumo: A proposta deste estudo é analisar comparativamente a maneira como Antônio Lobo Antunes e Mia Couto retratam o contexto de guerra em suas crônicas e como os narradores se valem da imaginação para refugiar-se do conflito. Para isso, enfocamos nossas análises nos textos “No fundo do sofrimento uma janela aberta”, publicado em “Livro de Crônicas” do escritor português e “Pescador na ida, herói na chegada” publicado em “Cronicando”, do autor moçambicano. Ao abordarem episódios relacionados à guerra, eles propõem também uma releitura do processo histórico de seus países e incitam seus leitores à criticidade em relação aos fatos retratados. A partir da articulação entre História e Ficção, os autores explicitam os mecanismos de sustentação da guerra e particularizam os efeitos do conflito nas relações humanas, dando-lhes perspectivas divergentes, notadamente, utópica e melancólica.

Palavras-chave: Mia Couto. Antônio Lobo Antunes. Imaginação. História. Crônicas

Abstract: This work aims at analyzing comparatively the way how Antônio Lobo Antunes and Mia Couto represent the war in their chronicles and how the storytellers deal with the imagination in order to escape from the conflict. The analysis focuses on the short stories “In the depths of suffering there is an open window”, published in “Chronicles Book” by the Portuguese writer and “Fisher on departure, hero on arrival”, published in the “Chonicling” by the Mozambican author. Approaching facts associated with the war, they also propose a new reading of the historic process, by inciting their readers to have a critical point of view of the depicted conflicts. Starting from de articulation between History and Fiction, the two authors explicit the supporting mechanisms of war and particularize the effects of the conflicts in human relations, by giving them divergent perspectives, more notably utopian and melancholic ones.

Keywords: Mia Couto. Antônio Lobo Antunes. Imagination. History. Short story

¹ Este artigo é um recorte revisto da nossa dissertação de mestrado intitulada **Histórias de guerra: uma leitura de crônicas de Antônio Lobo Antunes e Mia Couto**, defendida na Universidade de São Paulo, São Paulo, em 2009.

*Doutoranda da Universidade de São Paulo (USP) e Bolsista CNPq. Contato: fla_bandeca@yahoo.com.br.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo analizar comparativamente la forma como António Lobo Antunes y Mia Couto representan la guerra en sus crónicas y cómo los narradores tratan de la imaginación para escapar de la realidad. El análisis se centra en las narrativas “En el fondo del sufrimiento hay una ventana abierta”, publicado en “Livro de Crônicas” escrito por el autor portugués y “Pescador en la marcha, héroe en la llegada”, publicado en la obra “Cronicando” del mozambiqueño. Los autores proponen una nueva interpretación de la Historia oficial cuando tratan de la guerra en sus narrativas y incitan a los lectores a tener un punto de vista crítico de los conflictos representados. A partir de la articulación entre la historia y la ficción, los dos autores hacen explícitos los mecanismos de sustentación de la guerra y particularizan los efectos de los conflictos en las relaciones humanas, dándoles perspectivas divergentes, más notablemente utópicas y melancólicas.

Palabras Clave: Mia Couto. António Lobo Antunes. Imaginación. Historia. Crónica

Esta análise comparativa focaliza as crônicas “No fundo do sofrimento uma janela aberta”, de António Lobo Antunes, publicada em “Livro de Crônicas” e “Pescador na ida, herói na chegada”, de Mia Couto, da coletânea “Cronicando”. As tramas se desenvolvem a partir da experiência da guerra de seus narradores e se aproximam na medida em que a imaginação se torna um refúgio diante da realidade da situação de conflito. Deve-se ressaltar que a temática da guerra é um motivo literário recorrente da produção dos autores estudados. Entretanto, seus textos não se referem ao mesmo momento da historiografia oficial.

Na produção antunina, tanto romanesca quanto cronística, a temática da guerra de Independência entre Portugal e Angola é recorrente. Foram 13 anos de guerra, nos quais os angolanos lutavam pelo fim do colonialismo e por sua independência. Em 1969, Lobo Antunes foi convocado a participar do exército português, partindo para Angola em 6 de janeiro de 1971. Em suas próprias palavras: “Todo mundo ia obrigado [à guerra]. Até os militares do Partido comunista não desertavam. Só desertavam os intelectuais que iam fazer as revoluções nas praças de Paris” (BLANCO, 2005, p. 65)².

² Trecho extraído da entrevista de António Lobo Antunes concedida à Maria Luísa Blanco: “Sí, toda la gente iba obligada. Hasta los militantes del Partido comunista no desertaban. Sólo desertaban los intelectuales que iban a hacer las revoluciones en las plazas de París” (BLANCO, 2005, p. 65).

Os textos coutianos têm como eixos temáticos centrais: 1. a busca pela identidade em um país fragmentado pela experiência colonial; 2. a Guerra Civil, que durou 15 anos, teve início dois anos após o final da Guerra de Independência contra Portugal e em seu cerne estava a disputa pelo poder de dois partidos políticos - FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana).

Na crônica “No fundo do sofrimento uma janela aberta”, de Lobo Antunes, o narrador nos descreve, de maneira monóloga, dois momentos distintos de sua vida – notadamente a infância e os tempos de guerra. Em ambos os períodos, é criada uma atmosfera de tristeza que o imobiliza de modificar as circunstâncias que lhe desagradam. Suas memórias dos tempos descritos são costuradas, construindo uma narrativa em que há momentos de fusão entre os períodos destacados.

A narrativa se inicia com uma tentativa de reconstrução das memórias de sua infância:

Quando eu tinha treze, catorze, quinze anos e lia todos os livros que me vinham à mão, os livros dos meus pais, os livros que roubava e os livros que podia comprar, voltava não sei porquê, como a língua procura sem descanso o dente que lhe falta, a esses versos franceses que copiara num caderno
há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada
e fechava o caderno e fumava às escondidas debaixo do limoeiro do quintal (ANTUNES, 2002, p. 283).

Na situação inicial da crônica, as lembranças das leituras da infância são evocadas, mostrando que ler era um hábito que perdurou por anos. A releitura de alguns versos específicos promovia um preenchimento da existência do narrador, como é possível interpretar ao criarmos a imagem da língua que reconhece um vazio na arcada dentária. A ordem de seus pensamentos é quebrada pela menção dos versos relidos que apontam para um estado de sofrimento.

A narrativa prossegue com uma retomada das frases iniciais, reiterando a cena do narrador jovem lendo solitário e sentado a observar a paisagem ao redor de sua casa. Diante da tristeza relatada,

ele se refugia nos versos copiados no seu caderno. Aqui, a descrição melancólica tem seu tom rompido por um comentário:

Quando eu tinha treze, catorze, quinze lia os livros que me vinham à mão e como em casa dos meus pais havia uma coisa essencial e simples que se chama bom gosto não posso devolver a certos palermas os mimos com que me presenteiam por a inveja não ser o meu forte, sobretudo a inveja do que desconheço (ANTUNES, 2002, p. 283).

Neste excerto, há a coexistência de um tom agressivo que irá se acentuar no desenrolar da crônica e de um tom irônico, marca da obra de Lobo Antunes. Ambos confluem para reforçar uma atmosfera de estranhamento à realidade indicada pelo narrador, que reforça a imagem de vazio e de melancolia que está presente no texto. A ironia se torna um recurso que viabiliza indicar que certos sentimentos, no caso a esperança, não foram experimentados pelo narrador, que desqualifica aqueles que a sentiram, chamando-os de “palermas”.

As memórias da infância, especificamente as das horas de sofrimento e as das formas de escape desse sentimento, enlaçam-se com as da guerra por meio da dor:

[...] e a janela do senhor Florindo sapateiro, a repetir os versos sem os compreender dado a ignorar o que a palavra sofrimento significava do mesmo modo que mais tarde, no hospital, via os moribundos contemplarem com espanto as próprias mãos, até que perdi o caderno e me esqueci do poema. Ou melhor julgava tê-lo esquecido, uma vez que me reapareceu em Angola, nas Terras do Fim do Mundo, a dez mil quilômetros de Lisboa e a treze mil de Moscovo (como anunciava uma placa pendurada no arame farpado) no meio da morte, da desolação, da miséria e daquele erro formidável de que o Ernesto Melo Antunes me falou numa carta que a censura militar não abriu (ANTUNES, 2002, p. 283).

Neste fragmento, o narrador estabelece uma comparação entre sua própria incapacidade de perceber os sentimentos de seus pacientes e a de um antigo vizinho que não reconhecia o seu sofrimento, ao escutar a recitação dos versos franceses citados ao longo da crônica. A perda do caderno no qual o poema estava transcrito não só possibilita o

esquecimento dos versos, como também a supressão da materialidade dos sofrimentos da juventude. Apesar do registro do poema não mais existir, o narrador toma consciência de que a tristeza o acompanhava, ao entrar em contato com as mazelas da guerra, que invadem a composição do espaço, não permitindo que o narrador fique alheio ao que o circundava.

Vale destacar que, nesta crônica, assim como no conjunto da obra de Lobo Antunes, há a interferência das vivências do autor. Pode-se traçar um paralelo entre a informação que o cronista nos fornece das distâncias entre Angola, Lisboa e Moscovo com uma carta que enviou a sua ex-esposa, Maria José, no dia 8 de março de 1971:

Minha única e formosa jóia
Mais um longo, triste e quantíssimo dia sem ti. À entrada de Gago Coutinho há uma placa que diz:
LISBOA – 9600 km
MOSCOVO – 13500 km
que serve para medir a horrível distância que nos separa
(ANTUNES, 2005, p. 83).

É possível perceber que a experiência do autor na guerra em África acrescenta à sua ficção dados que a enriquecem, permitindo descrições detalhadas sobre o espaço em que viveram os soldados durante os anos de guerra. É fato que a confluência entre realidade e ficção é um aspecto destacável na crônica, mas que apesar de ser próprio deste gênero merece ser enfatizado, especificamente nas narrativas de Lobo Antunes, pois se trata de um ponto recorrente também em seus romances.

A respeito do reaparecimento do sofrimento do narrador, podemos notar que ele se vale dos elementos narrativos para enfatizá-lo, ou seja, descrição do tempo e do espaço traz elementos que reforçam a atmosfera de solidão e de morte.

Reapareceu em Angola, nas Terras do Fim do Mundo, ao escurecer,
estava eu deitado no meu quarto
(chamemos-lhe quarto)

Quando, de repente, uma voz de ardina lisboeta desatou a apregoar os jornais da tarde e o pântano de espingardas e caixões em que eu vivia se transformou numa rua da Baixa (ANTUNES, 2002, 283).

Na penumbra do anoitecer, o narrador deitado, ou seja, em uma situação de relaxamento/ descanso, ouve uma voz com sotaque familiar, nomeadamente de Lisboa, e é capaz de reavivar os espaços de sua infância, transformando os elementos que presentificam a guerra em sua vida, a saber, espingardas e caixões. É interessante perceber que a reconstrução do espaço da infância se dá quase como um transe, na escuridão de seu “quarto” e no repouso. Na sequência, há a comparação da divulgação da revista “Eva do Natal”, em solo angolano, com a venda de copos e velas durante as procissões de sua infância, em Portugal.

Em meio as suas memórias, o narrador se perde nos diferentes momentos de sua vida, ora percebe-se como uma criança integrante a um coro, ora algum indício da realidade da guerra o faz ter consciência do local em que se encontra. Esse movimento entre o passado recente e o remoto é rompido pela citação dos versos lembrados “há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada” (ANTUNES, 2002, p. 284).

O narrador se foca nos tempos de guerra, sintetizando sua rotina e confessando como amenizava seu padecimento:

Nas alturas mais difíceis de África em que tudo se embrulhava cá dentro, sem lágrimas para doer mais, depois das minas, das emboscadas, dos rapazes sem pernas, da comida atirada em caixotes pelo avião que não podia aterrar e que a gente disputava aos cães, chamava o soldadito para trás do paiol, para trás do que restava das colunas do chefe de posto [...]

pedia-lhe

- Os jornais pá. (ANTUNES, 2002, p. 284).

Tanto em sua infância, quanto durante a guerra, em momentos de amargura, o narrador se ampara na leitura. Enquanto era criança buscava os livros, já como um soldado adulto buscava os jornais, em ambas as situações, o mundo das palavras remediava o real.

Aproximando mais uma vez as experiências pessoais do cronista com sua ficção, podemos ressaltar a leitura de periódicos como um tema recorrente nas correspondências de Lobo Antunes com Maria José, nas quais declara que são as revistas e jornais enviados pela família que o ajudavam a aguentar sua estadia em Angola.

A imaginação como refúgio também aparece nas intervenções feitas pelo narrador ao longo da crônica, pois é por meio delas que ele pondera seus comentários e descrições, explicitando a realidade:

[...] de repente a minha cidade na areia do fim do mundo, em Angola, cheguei à porta do quarto
(chamemos quarto a uma barraca, eu chamava lhe de quarto para fingir que o tinha). (ANTUNES, 2002, p. 284).

Fingir e imaginar permitem a reinvenção da realidade e, também, tornam-se recursos que possibilitam a resistência à situação de guerra, visto que a fuga do real permite que o narrador tenha uma visão crítica e lúcida do conflito, na medida em que o protege da violência ao seu redor e, quiçá, da loucura.

No desfecho da crônica, o emaranhado das memórias se mantém, intensificando o jogo de vai e vem entre a infância no quintal da casa de seus pais e o anoitecer na guerra:

[...] atravessava um pedaço de noite e entrava na sala
(chamemos sala a tijolos e a capim seco)
onde os alferes jogavam as cartas numa mesa de tábuas de barrica, estendia-me numa cadeira também de tábuas de barrica e não havia guerra, não havia feridos, não havia tiros, havia um menino do coro, de calderinha de água –benta a descer para Sé, feliz, entre anjinhos de asas bafientas e velhotas em lágrimas (ANTUNES, 2002, p. 284).

A crônica termina no mesmo momento temporal que se inicia – a infância. Contudo, a imagem que temos não é mais a do narrador solitário e sim dele entre outros meninos do coro. É possível inferir que se trata de um delírio e não de uma lembrança, tanto pela ambientação quanto pela coerência com as imagens que reiteram a solidão na infância. A presença do sofrimento se materializa por meio das

lágrimas das velhas, espectadoras de uma procissão na qual a felicidade e o sofrimento estão presentes, metaforizando a vida.

A fabulação como um recurso de sobrevivência à guerra é também uma estratégia presente na crônica coutiana aqui analisada. Em síntese, “Pescador na ida, herói na chegada” aborda um cenário de guerra, no qual o narrador descreve sua viagem entre o continente e a ilha e, também, o resgate de um suposto pescador perdido em alto mar. A ênfase é colocada na história de vida de tal pescador, que revelará sua condição de fugitivo de guerra.

A narrativa se inicia envolvida por um clima de paz e sossego, em que o narrador descreve sua admiração pela natureza e os pensamentos que as águas do mar lhe provocavam:

Entre a ilha e o continente eu seguia de viagem. Sobre as ondas, minhas lembranças se soltavam, circulagundo. A água onduliscava ao de leve, a espuma salpingando os passageiros.
(COUTO, 1993, p. 187).

Neste fragmento é notável uma criação vocabular que destaca a atmosfera de quietude, tranquilidade e harmonia entre homem e natureza, dando ao texto uma poeticidade e um tom de leveza. Essa leitura pode ser feita por meio dos neologismos como “onduliscava” e “circulagundo”. Como significado do primeiro, pode-se criar a ideia de que as ondas tocavam de leve a embarcação como se a belicassem, estabelecendo assim um contato direto entre os tripulantes e a natureza. Já o do segundo, é possível entender que as lembranças do narrador circulam até se misturar com as águas.

A ambientação de calma é rompida quando o barco em que se encontrava o narrador depara-se com uma jangada isolada no mar:

Foi quando se escutou o alarme. A uma distância ilegível, um barco gaivoteava, sem modos de ter rumo. Dentro um homem acenava um pano vermelho, reclamando socorros. Por certo, era um pescador. A sua embarcação dançaricava: o mar lhe dava ondapés, raivecido. Aproximarejamos.
(COUTO, 1993, p. 187).

O som de alerta quebra a calma do cenário, que passa a ser descrito, mostrando, em certa medida, uma hostilidade e inquietação da natureza. O tom da narrativa passa a ser mais agitado, reproduzindo a perturbação da natureza e do provável pescador. Isso pode ser percebido por neologismo como “ondapés”, que cria a imagem de que o mar chutava o barco encontrado pelo narrador.

A aproximação entre as tripulações das duas embarcações é feita por meio do seguinte diálogo:

- *Há algum problema amigo?*

O pescador respondeu:

- *É a ventania que não funciona.*

Houve quem risse no convés e ele, acreditando estar em erro de explicação, rectificou:

- *É o vento que hoje não fornece bem.*

(COUTO, 1993, p. 187, grifos do autor).

Percebemos, por meio do excerto, que há um desentendimento entre o suposto pescador e os outros navegantes, provocado por visões de mundo diferentes em relação ao acontecimento. Na fala do homem encontrado em alto mar, é possível interpretar uma maneira de apreender a realidade na qual há uma mistura entre tradicionalismo e modernidade. A possibilidade de tal interpretação se dá por meio da construção sintática e lexical, com que o pescador responde. Ao analisarmos sua fala, podemos notar que, em um primeiro momento, ele atribui à ventania - um elemento da natureza - uma ação, o ato de *funcionar*, que seria próprio de máquinas ou qualquer outro item relacionado à mecânica. Posteriormente, após pessoas rirem no convés, o pescador corrige a interlocução, novamente utilizando um verbo que semanticamente está ligado à produção - *fornecer*.

Essas possibilidades de interpretação somadas à ênfase dada aos fenômenos naturais – notadamente a ventania e o vento - permitem ratificar a ideia de coexistência entre tradição e modernidade. Isso porque ao mesmo tempo em que o pescador destaca elementos naturais, ele cria a imagem de uma interferência de um sistema de produção sobre a natureza.

O narrador segue nos contando sobre os seus primeiros contatos com o pescador, destacando a desconfiança deste homem em relação a sua ajuda:

Estendi-lhe o braço para que transferisse para o nosso barco. Aceitou com reserva. Não esperava tanta deferência era um homem habituado a si mesmo. Simpatia demasiada seria para ele motivo de desconfio. Não levei a mal aquela sua quase recusa.
(COUTO, 1993, p. 188).

A princípio, o narrador compreende os receios do pescador sobre a aproximação e respeita sua postura de manter certa distância. À medida que o narrador o observa, começa a perceber indícios de que algo é estranho na postura de tal pescador:

O pescador sentou-se a meu lado. Tirou de seu bolso a mais idosa beata que vi em minha vida. Acendeu-a e meteu a parte acesa dentro da boca. Fumava às avessas, engolindo o fumo à moda dos candeeiros. [...] via-se que era um homem capaz de paciências compridas. Mas o corpo, de músculo sucessivo, estava tenso. De manso, lhe pedi um pedaço de sua história. Então, ele se contou.
(COUTO, 1993, p. 188).

A maneira “às avessas” que o pescador fumava chama a atenção do narrador, que passa a se atentar para cada detalhe daquele homem. Não era só o fato de engolir o fumo, ação que é destacada na cena, mas também a contradição entre sua imagem pacata e a tensão expressada pelo seu corpo. A descrição da cena em que o pescador fuma dá indícios de que sua história vai além de complicações para velejar seu barco.

Há na narrativa um ponto de virada em relação aos fatos relatados. Em um primeiro momento, o narrador é uma testemunha dos ocorridos, passando a ser um reprodutor da fala do pescador, como aponta o fragmento: “Então, ele se contou”. O narrador reproduz a seguinte história:

Era um fugitivo da guerra. Os bandidos queimaram-lhe a casa em Machangulo e ele saiu com a família para a ilha. Mas, na aflição,

deixara todas suas coisas no continente. Apertada pela fome, a família decidiu que ele arriscasse caminho e tentasse reaver algumas comidas que haviam deixado na machamba.
(COUTO, 1993, p. 188).

Em uma tentativa desesperada, o sobrevivente da guerra decide retornar à sua casa em busca de comida. No entanto, nada consegue obter para saciar sua fome e de sua família, pois a correnteza o empurrava para outro lado. Reproduzindo sua fala que revela: “Só ainda levo mais fome, desses dias que não comi” (COUTO, 1993, p. 189).

Ao compartilhar seus problemas e amargura com o narrador, o sobrevivente da guerra permite uma aproximação entre eles, criando uma relativa cumplicidade. Essa postura fica evidente no texto não só pelo tom da narrativa, mas também por uma fusão entre as vozes do pescador e do narrador, como mostra esta passagem da crônica aqui estudada: “Como explicar à família que só o vento tinha culpas? Com o estômago roído, como que estava, não acreditariam em história”. (COUTO, 1993, p. 189). O enlaçamento das vozes mimetiza a autoria coletiva, marca da tradição oral, na medida em que os textos são passados de uma geração, sem atribuição a um autor individual.

Logo em seguida, o narrador muda novamente o tom da narrativa e continua a nos contar o desfecho da história do pescador, descrevendo o desembarque e a espera dos familiares na praia:

Na maioria eram mulheres, envoltas em capulanas, nesse jeito antigo de esperar. O pescador, excitado, apontou:
- *Olha, é a minha família, essa.*
Disse-o com desespero, como se fosse aguardado por hienas.
(COUTO, 1993, p. 189).

Nesse fragmento, o narrador reitera a ideia da sobrevivência da tradição expressada no vestuário, no modo de esperar e, também, na importância familiar. Deve-se ressaltar que em África tradicional prevalece o conceito de família estendida – um sistema ampliado de parentesco, que é composto não apenas por pai, mãe e irmão, mas também por etnia e grupo.

Mais adiante no texto, o narrador afirma:

Tentei adivinhar os sentimentos dos seus. Mas, em chegando perto, fui vendo que aquelas mulheres choravam. Mal que o pescador pisou a praia firme, vários braços se consolaram no abraço do regresso. (COUTO, 1993, p. 189).

A descrição da recepção do pescador nos revela uma compaixão e uma preocupação de sua família, contrapondo com seu desespero, evidente na declaração feita ao avistá-los na praia de que preferia à morte.

Em meio à emoção do reencontro o pescador é questionado por um tio: “-Nós ouvimos que você foi lá e os bandidos lhe atacaram. Foi por isso você desconseguiu de trazer as coisas. É verdade, não é?” (COUTO, 1993, p. 189). Esta pergunta inesperada e construída de tal forma que espera uma afirmação leva o pescador a hesitar em sua resposta, mas a dúvida desaparece com a cumplicidade do narrador que o incentiva a concordar com este equívoco:

O pescador, admirado, hesitou em responder. Os olhos gaguejavam no fundo do rosto. Fitou-me, como se buscasse auxílio. Eu, sem dar despacho à voz acenei afirmativamente. O pescador abriu um alívio [...]. (COUTO, 1993, p. 189).

Estabelece-se um vínculo forte de cumplicidade entre o fugitivo de guerra e o narrador, pois este último apoia ao primeiro a reinventar sua trajetória em busca de resgatar alguma comida para si e para sua família. Nesta crônica, notamos que o narrador constrói uma atmosfera que a permite recontar a história sobre as guerras em Moçambique, dando uma perspectiva diferente da exposta pela história oficial.

Segundo Maria Nazareth Fonseca e Maria Zilda Cury,

[...] os textos de Mia Couto inserem-se tanto na releitura da história como na ficcionalização da condição do homem contemporâneo. Muitas vezes, o escritor parte de fatos históricos, de acontecimentos “reais”, para neles inserir voz que a história reprimiu, para reler os acontecimentos reinventando seu contexto, envolvendo-os com uma

aura de fantasia, hipertrofiando o real ao atravessá-lo pelas visões míticas que marcam seu projeto literário (FONSECA; CURY, 2008, p. 84).

À luz deste fragmento, é possível interpretarmos uma tentativa do autor de utilizar sua produção literária com o intuito de colocar ao centro de suas narrativas personagens que a história oficial marginalizou. Em suas crônicas, Mia Couto destaca histórias ficcionais que abrangem a realidade social de personagens que representam uma camada social composta por pessoas simples e que sofreram as mazelas históricas, mas que tentam, diariamente, reconstruir um novo rumo para a sociedade moçambicana.

Sobre este aspecto, nota-se na crônica aqui estudada a presença de um narrador cuidadoso com os fatos históricos narrados, não só pôr colocar em evidência personagens marginalizados, mas também pelo respeito ao elaborar uma história e tentar manter uma fidelidade quanto às origens dos fatos. Para isso, o narrador se vale de recursos que diferenciam fatos por ele presenciados de outros que ele reproduz. Assim, esta crônica se torna um espaço democrático em que personagens das variadas camadas sociais moçambicanas têm voz para contar suas próprias histórias e, também, permite uma relação horizontalizada, em certa medida, entre aqueles que viveram a situação de guerra e se sensibilizaram com suas vítimas.

O narrador de “Pescador na ida, herói na chegada” se mostra consciente diante da reinvenção da história, como ele afirma na seguinte passagem: “Assim, me tornava eu cúmplice daquele herói de inventada batalha”. Ao legitimar em sua ficção de forma simbólica a possibilidade de inventar a História, o cronista reforça um dos papéis da literatura, o de transcender a realidade.

Nos textos analisados, percebemos como ponto de tensão das histórias a necessidade de superação de uma crise, seja inerente ao âmbito social, seja ao individual, oriunda do contexto de guerra. A solução encontrada pelos narradores para transpor o impasse retratado é muito similar: a imaginação.

No texto antunino, o narrador se refugia tanto em um passado remoto quanto em um próximo, em suas leituras de revistas, de poemas ou de romances. A ficção ameniza o estado de sofrimento descrito e

permite-lhe sentir um fio de esperança. Contudo, o narrador não reage contra seus sentimentos e nem tenta desvelar o motivo que lhe provoca a dor; ele se resigna diante de seu padecimento e se isola da realidade, por meio do mundo ficcional das letras.

Na obra estudada de Mia Couto, o narrador aposta em uma reconstrução da história, apontando a possibilidade de criar uma nova, em que a brutalidade da guerra seja excedida. Para isso, ele mostra, por meio da relação narrador-fugitivo, que a solidariedade é um dos alicerces que permite a concretização dos esforços de superar as dificuldades de sobrevivência durante um período de conflito armado.

Essas ideias são reforçadas pelas imagens finais criadas nas narrativas comparadas, pois em “No fundo do sofrimento uma janela aberta” seu desfecho sugere um tempo presente sem expectativas. Isso pode ser inferido por meio da cena inicial e final do texto que descrevem situações similares, em que o sofrimento é enfatizado. O narrador retrata o estado de dor como um ciclo fechado e que improvavelmente será superado, apontando assim para uma falta de esperança de que seu futuro seja mais promissor e para sua sina de um constante sofrer.

Já em “Pescador na ida, herói na chegada”, a cena inicial mostra uma integração entre o meio e o narrador. Essa ordem retratada é quebrada com o resgate do possível pescador, que reflete em seu naufrágio um conflito entre o meio e o homem; assim, o náufrago serve como elemento desestabilizador da tranquilidade aparente descrita no começo da crônica. A agitação em alto mar será superada quando o fugitivo chegar à terra firme, encontrar sua família e, com a cumplicidade do narrador, recriar suas peripécias. Assim, emblematicamente, se encerra um ciclo em que as mazelas da guerra são notáveis e se inicia outro — no âmbito da fantasia do pescador — que possivelmente seja marcado por glórias e pela superação dos obstáculos vividos.

As crônicas analisadas suscitam a reflexão sobre as diferentes formas que o gênero pode ser configurado. Se atentarmos para o texto de Lobo Antunes, notaremos um acentuado tom memorialístico, no qual o passado do narrador nos é apresentado a partir de sua perspectiva atual. Assim, ele se constrói como um sujeito histórico que

existe no espaço textual e que expressa, por meio de sua narrativa, seus sentimentos e ideias.

Na obra do moçambicano, as crônicas literárias³ se estruturam de maneira semelhante a pequenos contos, sendo o desenvolvimento do enredo feito a partir dos elementos narrativos, que algumas vezes são omitidos nas crônicas antuninas. As lembranças na produção cronística de Mia Couto são trampolins para o narrador discorrer sobre o assunto efetivamente elegido. A característica de possuir um tema aparentemente descontraído, mas que na realidade serve de mola propulsora para uma reflexão histórico-social, é um dos pontos marcantes do gênero crônica.

Diante desta breve explanação sobre a presença das memórias nas narrativas comparadas, podemos inferir que em ambas as recordações são elementos centrais, por meio dos quais se desenvolverá as crônicas. Em Lobo Antunes, elas são individuais e servem para expurgar as inquietações do narrador. Além disso, podemos atribuir-lhes o papel de elo entre o passado e o presente de quem nos narra, dando ao texto uma fluidez ímpar que se assemelha ao fluxo de pensamento.

Em Mia Couto, as recordações são coletivas, ou seja, compartilhadas entre o narrador e as personagens, sendo, desta maneira, um recurso que busca dar visibilidade a outros ângulos da história nacional e recriar a atmosfera da tradição oral. Segundo Maria Nazareth Fonseca e Maria Zilda Cury, o escritor moçambicano “tece um ‘outro real’, criando uma brecha não para a volta do que ‘já aconteceu’, mas para uma possibilidade em aberto daquilo que “poderia ter sido”, assumindo a literatura um lugar de contradição e de crises do discurso” (FONSECA; CURY, 2008, p. 41). História e ficção são pontos fulcrais que percorrem toda a obra coutiana e, em um exercício de desconstrução e construção delas, o autor explicita suas marcas fluídas. Esse traço é reforçado pelos espaços descritos em seus textos, nos quais há a descrição predominante de uma terra arruinada pela guerra e de um tempo

³ É válido ressaltar que Mia Couto possui uma produção de crônicas jornalísticas, a qual se deu o nome de textos de opinião.

fragmentado. Nesta crônica, notamos que o elemento que serve de unificador dos fragmentos espaciais e temporais é a água. A ligação proposta por Mia Couto se dá por meio de uma fluidez do componente escolhido, possibilitando-nos interpretar como uma tentativa de enfatizar o movimento do ciclo da vida e de suas inconcretudes.

A maneira como os narradores se apropriam do espaço ficcional para resolução de crises e como encaram o deslocamento temporal confirmam suas posturas diante do contexto retratado. Em Lobo Antunes, o narrador melancólico se desloca entre passado e presente, por meio de uma trama cíclica e construída por elipses e por truncamentos, e sem nos dar indícios de um futuro diferente, mostrando que a falta de perspectivas. Já em Mia Couto, o narrador se desloca por entre as águas e permite-se fazer travessias entre passado, presente e futuro e os recria, tanto pelas imagens quanto pelos neologismos, em uma tentativa de transpor a realidade que o incomoda.

Diante das explicações feitas, pode-se inferir que apesar das crônicas terem perspectivas narrativas divergentes, elas recriam as guerras que marcaram o continente africano. Os autores trazem ao centro das histórias protagonistas que incitam, nos leitores, ao desencadeamento de um processo reflexivo que permite a humanização das cenas de guerra. Apesar da semelhança no projeto ideológico dos cronistas, seus projetos estéticos valem-se de recursos literários distintos.

Referências

ANTUNES, Maria José Lobo; ANTUNES, Joana. **D'este viver aqui neste papel descripto**. Cartas de guerra. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

ANTUNES, António Lobo. **Livro de crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

BLAZETTO, Flávia Cristina Bandeca. **Histórias de guerra: uma leitura de crônicas de Antônio Lobo Antunes e Mia Couto**. 2009. 133 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BLANCO, Maria Luísa. **Conversaciones com António Lobo Antunes**. Madrid: Siruela, 2001.

COUTO, Mia. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 1991.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Recebido em: 25 de maio de 2016

Aceito em: 30 de junho de 2016